

---

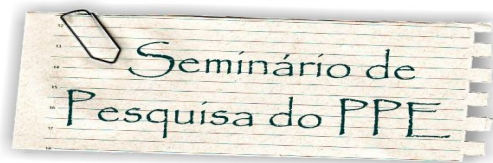
## **COLÉGIO IMPERIAL DE SANTA CRUZ DE TLATELOLCO, UM ESTUDO SOBRE A EDUCAÇÃO “SUPERIOR” FRANCISCANA PARA OS ASTECAS**

BORDIN, Reginaldo Aliçandro (UEM)

PEREIRA MELO, José Joaquim (Orientador/UEM)

No estudo do pensamento educacional do México após a Conquista, de 1521, é indispensável destacar as contribuições dos franciscanos dedicados em formar os astecas, cuja educação privilegiou o ensino das primeiras letras e dos aspectos da doutrina cristã. Empenhados em reproduzir os valores espanhóis na nobreza asteca, fundaram o Colégio Imperial de Santa Cruz de Tlatelolco, inaugurado em 6 de janeiro de 1536. Considerado a expressão mais elaborada e significativa do desenvolvimento educativo franciscano, no México do século XVI, esse colégio reuniu um grupo de mestres, cujo propósito era ensinar um conjunto de conhecimentos, apresentados como superiores.

Acreditava-se que o Colégio de Tlatelolco, localizado na cidade de mesmo nome, vizinha de *Tenochtitlán*, contribuiria para incorporar os nativos, por meio dos preceitos evangelizadores e educacionais, na sociedade colonial que os espanhóis estavam implantando. No cumprimento dessa finalidade, o Colégio aprimorou o ensino para atender às necessidades de uma sociedade que apresentava novas exigências materiais e espirituais, acenando para o surgimento de um novo homem o qual requisitava para si espaços de maior participação nas estruturas da sociedade que se constituiu logo após a Conquista do México, comandada por Hernán Cortés (1485-1547).



## 1. As origens do Colégio Imperial de Santa Cruz de Tlatelolco

A educação oferecida pelos franciscanos foi estruturada logo após a Conquista, quando um grupo de religiosos franciscanos se estabeleceu, em 1523, para desempenhar funções religiosas e educativas. O novo centro de estudos, inaugurado em janeiro de 1536, coroava o projeto educacional implantado pelos franciscanos assim que chegaram em solo americano. Ao lado de São José dos Naturais (1523), o único que ensinava ofícios artesanais, o Colégio de Tlatelolco tornou-se a expressão mais elaborada do ensino praticado no México até, pelo menos, 1545, quando começou a declinar, dois anos antes que Cortés, sem prestígio e endividado, morresse na Espanha. Escola modelo, o Colégio Imperial de Santa Cruz de Tlatelolco, fundado sob a proteção de Carlos V (1500-1558, imperador desde 1519), foi planejado para receber crianças em regime de internato e devolvê-las catequizadas e relativamente hispanizadas, para que, quando requisitadas, ocupassem cargos em seus grupos sociais de origem. Segundo Jacques Lafaye, os espanhóis compreendiam que conversão religiosa e cultural daquelas crianças acarretasse a de seus “vassalos”, como eram chamados em espanhol (LAFAYE, 1999).

As origens desta instituição de ensino estão ligadas às do colégio de São José dos Naturais, fundado por Pedro de Gante (? – 1572). Isso porque, em 1532, neste colégio foram iniciados os estudos de gramática latina, o que serviu de base para uma nova fundação, dedicada, segundo Pilar Gonzalbo (1993), a oferecer estudos superiores a jovens nativos de famílias nobres, encarregados de reproduzir os valores que aprenderiam aos seus pares. Miguel León-Portilla (2012) destacou que essa característica se assemelhava aos antigos *calmécac*, escolas sacerdotais pré-hispânicas.

Idealizado pelo frei Jacob de Testera<sup>1</sup> que, em carta endereçada a Carlos V, em 6 de maio de 1533, havia exaltado a capacidade dos astecas em aprender, sugeriu que os filhos da nobreza, em razão de sua tradição, recebessem uma formação europeia mais

---

<sup>1</sup> Francês de origem, Testera nasceu em 1470 e morreu em 1543. Segundo informações de Mendieta (1870), esteve no México por volta de 1529 ou 1530, onde morreu e encontra-se enterrado no Convento de São Francisco do México. Como não aprendeu o *nahuátl*, serviu-se de lenços com pinturas dos princípios da fé cristã, hoje chamados de *Lienzos Testerianos*.

cuidadosa<sup>2</sup>. O apelo de Testera parece ter encontrado apoio de humanistas e do vice-rei: tanto Gonzalbo (1993) quanto León-Portilla (2012) afirmaram que a fundação da escola foi patrocinada pelo humanista Sebastián Ramírez de Fuenleal (1490-1547), presidente da Segunda Audiência da Nova Espanha, pelo primeiro vice-rei, Antonio de Mendonza, e pelo bispo Juan de Zumárraga (1468-1548) que, em carta escrita em 30 de novembro de 1537, justificou junto às autoridades políticas espanholas a importância do Colégio.

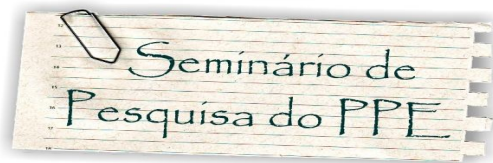
“[...] á V. M. certificamos que el dicho colegio es cosa importante y de mucha calidad y medio para que estos naturales mejor entiendan las cosas de nuestra fe y más en breve á ellas vengan, por ser nuestra lengua tan ajena de la suya, y la suya imperfecta para explicar lo que conviene darles á entender, lo cual por meiod de los que allí son será enseñados, lo alcanzarán más enteramente, porque vemos que se muestran muy bien disciplinados y morigerados, suficientes y hábiles muchos de los que allí deprenen, no tan solamente para saber para sí, mas para darlo á entender lo que aprenden y saben á los otros, y vendrá mucho bien á toda esta tierra [...]”(ZUMÁRRAGA, 1881, p. 93).

Embora houvesse divergências quanto à sua fundação, as autoridades civis e eclesiásticas se convenceram da necessidade de ampliar o ensino, já que sua função era contribuir para a expansão da catequização dos nativos, que também seria realizada pelos alunos que estudassem no Colégio de Tlatelolco. Em face da conjuntura que se formou, resultado da combinação do empenho das lideranças do Estado e da Igreja, a aprovação do colégio indicava que não era obra de uma improvisação, mas fruto de múltiplas experiências e esforços combinados. Entre eles, o espírito humanístico de seus fundadores que, como tais, aspirava a fins mais altos os quais poderiam chegar a educação daquele momento da história mexicana: a ideia de Ramírez Fuenleal era incorporar o vencido na cultura do vencedor, elevando-o, segundo se acreditava, no mesmo nível do europeu (KOBAYASHI, 2007).

A inauguração da escola, que começou a funcionar em uma estrutura de madeira muito simples, segundo os relatos de frei Mendieta (1870), foi festiva e solene, com procissões e discursos e contou com a presença do vice-rei, Antonio de Mendonza,

---

<sup>2</sup> “E más há de saber V. M., que agora se encomiença á dar les disposiçion destudio de gramática, y á esto faboreçe mucho la yndustria de su presidente, con aprobaçion de los oydores, de ló qual esperamos que Dios será muy servido, por la grande habilidad que los hijos destes naturales tienen” (TESTERA, 1877, p. 66).



do bispo, Zumárraga, e Ramírez. Somente a partir de 1538, o colégio, que funcionava ao lado do monastério de Tlatelolco, receberia uma estrutura mais acabada, feita de pedras lavradas. Uma cédula de Carlos V (1907, p. 62), datada em 23 de agosto de 1538, enviada ao vice-rei, expressa a preocupação do soberano quanto à estrutura de madeira que começava a cair e, por isso, mandou que reformasse, na intenção de que o colégio permanecesse de “[...] maneira que tenga perpetuidad, sin hacer obra superflua ni suntuosa”. Também solicitou reformas nas casas de formação destinadas às meninas.

O Colégio de Tlatelolco, para cumprir seu objetivo e intensificar a formação, dispunha de uma estrutura física que possibilitava o internato de jovens, reduzindo, assim, o tempo de permanência deles com seus antepassados. Segundo informações do Códice Franciscano (1941a), ele foi edificado dentro do pátio do monastério de São Tiago de Tlatelolco e tinha refeitório, dormitórios e celas dos mestres, bem dispostas para a vigilância dos internos.

Ao lado da Igreja, situava-se a escola, com as salas de aulas. José María Kobayashi (2007) faz referência à biblioteca, que contou com obras trazidas pelo bispo Zumárraga, leitor de Erasmo de Roterdão, Thomas More e Pedro Mártir de Anglería. Garibay (2000), embora não cita a fonte, afirma que na biblioteca constavam obras de Plínio, Marco Valério Marcial, Salústio, Juvenal, Tito Lívio e livros de Marco Túlio Cícero, em especial as Orações e Do Orador. Para acrescentar novos volumes ao acervo, solicitou ao Imperador apoio financeiro e também contou com a ajuda dos franciscanos com esmolos.

Para o desenvolvimento das atividades educacionais, o Colégio de Tlatelolco agregou em seu quadro de mestres, segundo informações de Mendieta (1870), o professor de latim frei Arnaldo de Bassacio, que foi substituído pelo frei Sahagún, pelo linguista e etnógrafo frei Andrés de Olmos (1500-1571) e pelo frei Juan de Gaona (1507-1570) que lecionou retórica, lógica e filosofia. Todos os religiosos eram versados na língua dos nativos. Complementava essa lista, o francês estudioso de leis da Sorbonne, frei Juan de Foucher (1572).

Esses mestres das ciências latinas procuraram dialogar com a tradição nativa e, por isso, incluíram sábios sacerdotes como os *tlamatinime*, dos antigos *calmécac*, reconhecidos por suas habilidades em pinturas, e os *cuicamatl* ou livros de papéis e

cantos. No entendimento de Ascensión H. de León-Portilla (1988), nesse centro, espanhóis e nativos empreenderam uma singular tarefa de se comunicarem e de se conhecerem em três línguas, o espanhol, o latim e o *náhuatl*, língua dominante no México. Essa singularidade do Colégio de Tlatelolco possibilitava aos espanhóis a tradução de textos e a compreensão do universo cultural e religioso dos astecas. Além do mais, o objetivo de preparar um bom número de jovens, que os seus professores consideravam que poderiam ter papéis influentes em suas comunidades, fazia deles um elemento vital na atividade de evangelização. Pensava-se, afirmou Ascensión H. León-Portilla (1988), que, ao retornar às suas comunidades, os indígenas formados no Colégio de Tlatelolco poderiam, em sua própria língua, divulgar conhecimentos novos e ajudar a enraizar a fé cristã.

Assim, o empenho dos franciscanos em aprofundar a educação destinada aos nativos, os quais entravam por volta dos 10 anos, tinha uma finalidade bem determinada, que se realizava num extenso programa de ensino. Kobayashi (2007), em seu estudo sobre a educação no período da Conquista, chama a atenção para essa discussão. Ao retomar um documento de 1570, que compõe o chamado Códice Franciscano, ele sintetiza a finalidade pelo qual o Colégio de Tlatelolco foi construído: o primeiro dos objetivos era formar seculares possuidores de uma fé cristã firme; o segundo, preparar agentes de catequese para instruir a fé aos que não tiveram acesso ao Colégio, propósito que, com o tempo, acabaria por ser o de formar sacerdotes nativos; e, por fim, prover ajudantes e intérpretes aos religiosos não peritos em língua nativa. Finalmente, entre os objetivos, afirma Kobayashi, o último era de caráter provisório; porém, teve outra realização, associada às atividades literárias. Os dois primeiros objetivos, por sua vez, era precisamente o que constituía a ideia central do pensamento de seus fundadores: modelar os jovens segundo os princípios e valores espanhóis, como veremos.

## **2. O ensino no Colégio de Tlatelolco**

A educação do Colégio Imperial Santa Cruz de Tlatelolco cooperou na consolidação da sociedade colonial. Era um centro de estudos que tinha como propósito

colaborar na formação de uma sociedade cristã e, para isso, elegeu um programa pedagógico destinado a formar um público, os filhos da antiga nobreza asteca. Segundo acreditavam, os alunos colaborariam na ampliação da conversão de outros nativos, incorporando-os aos mecanismos sociais e culturais dos espanhóis. Na realização desse objetivo, a prática educativa dirigida aos astecas contou com instrumentos que possibilitariam reduzir as distâncias entre os espanhóis e os conquistados e minimizar os conflitos resultantes das guerras entre astecas e espanhóis. Na composição de uma sociedade que se pretendia harmoniosa, os jovens receberiam uma formação que contava com os estudos de gramática, retórica, filosofia, teologia, canto e até medicina.

Os recursos mobilizados para esse modelo de ensino constituía, para Luis Celes Muñoz (1995), uma estratégia de evangelização empregada pelos franciscanos e apoiada pela Coroa ante a necessidade de contar com o apoio da classe diretiva asteca, que também desejava manter suas antigas influências e seus quadros administrativos. Esse tipo de colégio se manteria durante a colônia, ainda que tenha diminuído sua importância no século XVII, quando as normas frente à possibilidade de educação superior e, especialmente, à ordenação sacerdotal de um minguado número de nativos foram proibidas<sup>3</sup>. Muñoz (1995) entendeu que esse fato poderia revelar uma possível mudança de ânimo do espanhol frente ao asteca: na ocasião da fundação dessa instituição de ensino, havia uma concepção otimista do nativo, visto como capaz, bom, dócil e apto para receber a mais ampla educação. Esse suposto juízo se respaldava nas experiências educativas anteriores, como as realizadas no Colégio São José dos Naturais e que foram mantidas em Tlatelolco.

Na efetivação do ensino concebido como superior, que os religiosos entendiam como exitosa, os franciscanos começaram sua atividade educacional selecionando o público que iria participar do desenvolvimento educativo. O Códice Franciscano

---

<sup>3</sup> A literatura apresenta divergências quanto à formação de um clero no *Colégio de Tlatelolco*. Gibson (1991) defende o princípio de que os colégios do primeiro período colonial não eram seminários e todas as tentativas de estabelecimento de um clero indígena foram rechaçadas no século XVI. Paulo Suess (1988) afirma que logo no início da conquista a igreja declarou na bula de Paulo III, *Altitude Divini Consilli*, de 1537, a capacidade formal do índio e essa capacidade era considerada passiva para receber o batismo e os ensinamentos catequéticos. Afirma que os Concílios Mexicanos (1555, 1565 e 1585) excluíram os índios do sacramento da ordem. Se o Concílio proibia o ingresso de nativos no sacerdócio é porque, ainda que exígua, a prática era corrente. No ano de 1555, quando foi proibido o sacramento aos nativos, frei Valadés recebeu a ordem sacerdotal.

(1941a, p. 62) sugere que os mestres do Colégio escolheram aproximadamente oitenta jovens para ensiná-los a “[...] Gramática y otras ciencias conforme á su capacidad [...]”. Em cada povoado da região de Tlatelolco, dois ou três jovens foram selecionados, segundo consta no Códice Franciscano (1941), para estudar no Colégio recém-inaugurado e receber uma educação considerada primorosa. Aos vilarejos, depois de formados, em torno de três anos, deveriam retornar para multiplicar a ação catequética e ajudar os religiosos espanhóis que não compreendiam as línguas nativas.

No momento em que os franciscanos acreditavam poder atender às demandas formativas, a educação que esses jovens receberiam do Colégio de Tlatelolco, caracterizava-se pela rotina de atividades que teriam que cumprir. Por ser internato, tinham a obrigatoriedade de se levantar ao nascer do sol, vestir sotaina, rezar os ofícios divinos, participar das missas e comer juntos no refeitório. Também permaneciam em constante vigilância de seus superiores, os quais atuavam para reprimir condutas consideradas inapropriadas com o perfil de homem que buscavam formar: um cristão dócil que contribuiria com a evangelização.

El orden que éstos tienen en su colegio, en concierto de su refectorio y dormitorio, es á manera de Religiosos, y cada día van á la iglesia que la tienen allí junto, á oír misa en procesión, vestidos de sus hopas azules ó moradas, y las fiestas van al sermón y Vísperas, y ellos mismos las ofician (CÓDICE FRANCISCANO, 1941a, p. 64).

Contudo, a educação moral e disciplinar não constituía a principal atividade educadora. Nas mudanças sociais que se processavam, o grupo de professores que lecionava incorporou a instrução intelectual, no modelo de educação que conheciam. Ensinar as matérias correspondentes ao *trivium* (gramática, retórica e lógica) e ao *quadrivium* (aritmética, geometria, gramática, retórica e lógica). Aos estudos de gramática latina, e suas respectivas disciplinas, como a retórica e a poética, foi agregada a filosofia e a lógica aristotélica. Os estudos de filosofia, segundo Garibay (2000), contaram com o apoio de obras traduzidas para o *náhuatl*, entre os quais, a Consolação da filosofia, de Boécio, e a Cidade de Deus, de Agostinho, que serviriam mais para leitura do que para estudos diretos.

Em correspondência com o espírito de intercâmbio que caracterizava a escola, preferiram ensinar em *náhuatl* e em latim, deixando, em segundo plano, o espanhol. Um

dos mais reconhecidos historiadores do México, Joaquín García Icazbalceta (1941), sugere que, pelo fato da língua *náhuatl* ser mais conhecida e comum, acreditava-se poder obter melhores resultados do que introduzir uma língua nova. Nativos educados em sua própria língua facilitaria a penetração, com novas colônias, em povoados que ainda estavam distantes do domínio dos invasores. A *Copia y Relacion del catecismo da la doctrina Cristiana* (1941b), que compõe o Códice Franciscano, dispõe de uma missa escrita em *náhuatl* e em espanhol, além das orações mais comuns da religião cristã: o Credo, o sinal da cruz, o Pai Nosso, a Ave Maria, os mandamentos de Deus; também consta uma lista dos sacramentos, dos pecados e das virtudes que orientam a formação do cristão. Relaciona os artigos da fé cristã, os procedimentos para o batismo, as virtudes teológicas, os vícios, os ritos de confissão que serviam para ensinar os jovens mexicanos e estes reproduziriam nos povoados que frequentariam.

Aquí comienza un enseñamiento que se llama Doctrina Cristiana, la cual han de aprender todos los niños y mancebos hijos de los naturales desta Nueva España, donde se tratan las cosas muy necesarias de aprender y saber de poner por obra á los cristianos para se salvar y para que sepan responder quando en alguna parte les fuere preguntado algo acerca de la cristianidad; y para que esta doctrina llegue á todas partes, y se sepa de todos, es necesario que se vuelva en las demás lenguas, conviene á saber, en la lengua de Mechoacán, y la de los otomíes, &c. Y manda el Sr. Obispo D. Fr, Juan Zumárraga á los que enseñan en todas partes y muestran á leer y escribir, que primero enseñen esta Doctrina, de manera que todos la sepan de coro antes que entiendan en aprender lo demás (CÓDICE FRANCISCANO, 1941b, p. 30).

No caso do latim, Sonia Corcuera de Mancera (1991) entendeu que seu uso não era a meta da aprendizagem, mas seu ponto de partida. Segundo afirma, o ensino dessa língua se justificava porque as obras tinham sido publicadas em latim e também porque era usada para a redação de textos doutrinários e documentos. Em sua concepção, o ensino do latim desobrigava os mestres do aprendizado prévio do *náhuatl* e de outras línguas nativas, para que se entendessem com os alunos e também para que qualquer “latino” pudesse ensinar. O latim, de fato, era obrigatório para a formação dos jovens. Entretanto, as fontes mais importantes para o estudo da educação no México destacam que os professores eram versados em *náhuatl* e o motivo para isso parece ser o que



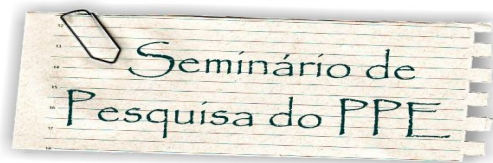
Sahagún considerava imprescindível: o entendimento da cultura nativa para combatê-la facilitaria a evangelização.

[...] a lengua latina, nos dan a entender las propiedades de los vocablos y las propiedades de su manera de hablar; y las incongruidades que hablamos en los sermones o escribimos em las doctrinas ellos nos la enmiendan, y cualquier cosa que se há de convertir em su lengua, si no va com ellos examinada, no puede ir sin defecto, escribir congruemente em la lengua latina ni em romance ni em su lengua (SAHAGUN, 1988, p.635).

Para explorar as potencialidades da evangelização, os franciscanos procuraram manter proximidade com os sacerdotes astecas, como é o caso de Bernardino de Sahagún (1499-1590), um dos mestres do Colégio de Tlatelolco. Ao que tudo indica, com o auxílio dos informes dos anciãos astecas e alunos do Colégio, Sahagún (1988, p. 79) menciona o laborioso trabalho de redigir seu livro, “todos espertos em tres lenguas: latina, española y indiana”. Além do trabalho colaborativo, o autor enfatiza que os colegiais trilingues dispunham de “[...] buena letra”. Esse destaque dado pela formação no latim, não foi exclusividade de Sahagún, um dos primeiros professores dessa língua no Colégio. O Códice Franciscano é um dos religiosos que fizeram parte do primeiro grupo de franciscanos - os Doze Apóstolos do México -; Toríbio de Benavente, a quem os nativos chamavam de “Motolínia”, o pobre, também mencionou o valor do latim.

No caso do Códice (1941a), é referido que o ensino do latim permitia aos alunos traduzir antigos manuscritos que estavam escritos em *náhuatl* e também que serviam como intérpretes, como citado, nas “[...] Audiencias, y han sido hábiles para encomendárseles los oficios de jueces y gobernadores y otros cargos de la república, mejor que á otros [...]”. Frei Benavente (1985, p. 261), por sua vez, afirma que, logo ao entrar na escola, os jovens aprendiam a ler e a escrever e, dada as habilidades dos alunos, competiam com os espanhóis porque, segundo seu entendimento, “[...] hay muchos de ellos buenos gramáticos, y que componen oraciones largas y bien autorizadas, y versos hexámetros y pentámetros [...]”.

No projeto educacional do Colégio, ainda fez parte a música, a arte da pintura e a medicina, que foi integrada por volta de 1545, ocasião que se iniciou uma epidemia de varíola (1548 e 1577), *cocoliztli*, a qual esvaziou o Colégio. Sahagún (1988, p. 635)



lamentava a pestilência que houve 31 anos depois de sua fundação e afirma que quase não há alunos porque estão praticamente mortos ou enfermos. Por isso, sustentou o princípio de que os alunos deveriam complementar sua formação com filosofia natural e medicina porque poderiam contribuir para socorrer os doentes.

Y si hubiera tenido atención y advertencia a que estos indios hubieran sido instruidos en la gramática, lógica y filosofía natural y medicina, pudieran haber socorrido muchos de los que han muerto; porque en esta ciudad de México vemos por nuestros ojos que aquellos que acuden a sangrarlos y purgarlos como conviene, y con tiempo, sanan (SAHAGÚN, 1988, p. 636).

Os agentes promotores dessa educação se empenharam com outras dimensões do ensino: o teatro e a música foram, ao mesmo tempo, uma estratégia para a instrução e um conteúdo a ser ensinado. Frei Benavente (1985) faz menção ao ensino do canto e uso de instrumentos musicais, principalmente a flauta, que ocupava o lugar do órgão. O uso desses recursos tinha, principalmente, finalidade religiosa, pois eram usados nas celebrações. Muitos dos cantores astecas regiam o coral das igrejas e chegaram a compor uma missa inteira que, segundo informações de Benavente (1985), se comparava aos cantores e as missas rezadas em Castela. Os franciscanos, nos cantos, introduziam versos, preceitos e orações, para que as crianças aprendessem-nas.

En estas mismas escuelas se juntan también cada día los indios cantores y menestres de la iglesia á ejercitarse en el canto y música, y proveer los Oficios que se han de cantar en la iglesia, y para ello es menester esta continuación: lo uno porque no salen con el canto, si no es ejercitándolo cada día: lo segundo, porque en dejándolo de continuar luego lo olvidan, y fuera de la escuela lo ejercitan (CÓDICE FRANCISCANO, 1941, p. 58).

Os religiosos apelaram ao teatro e à música como meios de transmissão dos princípios do cristianismo. Esse recurso era um instrumento para atrair o interesse das crianças e jovens, a fim de inculcar os valores e preceitos religiosos. Realizados nos átrios dos conventos, os franciscanos reproduziam histórias bíblicas e seus personagens. Segundo Robert Ricard (2000), com recursos e técnicas limitadas, o teatro se caracterizava por uma cuidadosa adaptação ao modo de ser espiritual e ao temperamento do nativo, sendo realizado pelos astecas, em sua língua.

Essas ações pedagógicas demonstravam planejamento das atividades que os franciscanos desempenhavam para implantar os modos de vida, de produção e os valores espanhóis. Ainda que não tivessem dimensão do enraizamento da cultura religiosa dos astecas e de sua organização social, os franciscanos compreenderam que, para desarticular o mundo nativo, era preciso sistematizar a formação das crianças e dos jovens astecas, a qual seria realizada pelas escolas e pelos conventos. Para isso, procuraram isolá-los, por meio dos internatos, do convívio daqueles que poderiam inculcar os princípios de suas tradições, a exemplo dos pais. A esse respeito, Ramón Gutiérrez (1993) afirmou que uma das estratégias usadas pelos franciscanos, para ganhar a lealdade e obediência das crianças e jovens, consistia em negar quem representava o seu passado: as crianças eram instigadas a humilhar os pais e negar sua tradição religiosa, procurando mostrar quão impotente eles eram em face da mística religiosa e da ação dos franciscanos.

A discussão sobre o aprofundamento da educação dos astecas, com uma escola de ensino dito superior, não estava isenta de resistências dos espanhóis, inclusive de setores eclesiásticos, que se opuseram ao empenho dos franciscanos em aprofundar a educação dos astecas. Na sociedade elaborada pelos conquistadores, não havia espaços para a instrução intelectual, uma vez que poderia instrumentalizá-los a participar de setores sociais que os espanhóis tinham como exclusivos. Ensiná-los latim, implicava, por exemplo, criar os meios para torná-los sacerdotes. Enquanto isso, seus adversários procuraram desqualificá-los, considerando-os incapazes de aprender e de praticar as antigas crenças às escondidas, o que, de fato, faziam. Essa situação demonstra que o processo de conversão e a atuação dos franciscanos não estavam isentos de lutas e conflitos. Não era, portanto, uma ação pacífica, sem opositores.

Assim sendo, a diversidade de conhecimentos praticados no Colégio de Tlatelolco serviu ao propósito de formar um grupo privilegiado que restava de uma sociedade conquistada. Nessa instituição, os professores, embora dialogassem com a tradição de seus alunos, fizeram-no para negá-la, uma vez que os objetivos das missões religiosas e educativas, por definição, organizaram-se para atender às demandas dos conquistadores, da Igreja e da Coroa espanhola. Nesse sentido, o Colégio somava aos esforços dos franciscanos em incorporar os nativos na sociedade colonial e, para isso,



tratou de ampliar sua ação preparando os próprios indígenas para exercer a função de multiplicadores de um modo de pensar o qual não correspondia aos tempos anteriores à Conquista.

## REFERÊNCIAS

BENAVENTE, Fray Toribio de. *Historia de los indios de la Nueva España*. Madrid: Historia 16, 1985.

CARLOS V. Al virrey de la Nueva España: que vea el colegio de los niños y, considerada la utilidad que de ello se podrá resultar, provea como se haga, de manera que tenga perpetuidad, y que ayuden a ello los indios comarcanos, y que se repare la casa de las niñas – Valladolid, 1938. In. GARCÍA, Genaro. Documentos para la historia de México: el clero de México durante la dominación española según el Archivo inédito Archiepiscopal Metropolitano. México: Librería de la VDA. De CH. Bouret, 1907, p. 61-62.

CÓDICE FRANCISCANO: Nueva Colección de documentos para la historia de México: siglo XVI. México: Editorial Salvador Chavez Hayoe, 1941, p.1-160.

CORCUERA DE MANCERA, Sonia. *El fraile, el indio y el pulque: evangelización y embriaguez en la Nueva España (1523-1548)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

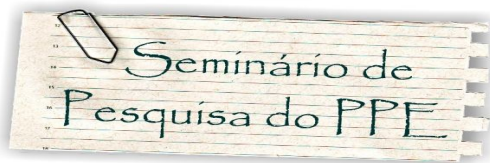
GARIBAY, Ángel María. *Historia da literatura Náhuatl*. México: Editorial Porrúa, 2000.

GIBSON, Charles. *Los Aztecas bajo el dominio español: 1519-1810*. 11. ed. México: Siglo XXI, 1991.

GONZALBO, Pilar. La educación em América y Filipinas. In. CRIADO, Buenaventura Delgado (org). *Historia de la educación en España y América: La educación en la España moderna (siglos XVI-XVIII)*. Madrid: Fundación Santa María; Ediciones SM, 1993, p. 327-341.

GUTIÉRREZ, Ramón A. cuando Jesús lleo, las madres del maíz se fueron: matrimonio, sexualidad y poder en Nuevo México, 1500-1846. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ICAZBALCETA, Joaquín García. Al lector. In. ICAZBALCETA, Joaquín García. *Código Franciscano: Nueva Colección de documentos para la historia de México: siglo XVI*. México: Editorial Salvador Chavez Hayoe, 1941, p. 8-44.



KOBAYASHI, José María. *La educación como conquista*. 2. ed. México: Colegio de México, 2007.

LAFAYE, J. A literatura e a vida intelectual na América espanhola colonial. In: BETHEL, L (ORG). *História da América Latina: América Latina Colonial, II*. São Paulo: EDUSP; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão. 1999, p. 595-635.

LEÓN-PORTILLA, Ascensión H. de. *Tepuztlahcuilolli: impresos en Náhuatl: Historia y bibliografía*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1988, tomo I.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Códices: os antigos livros do Novo Mundo*. Florianópolis: Editora UFSC, 2012.

MENDIETA, Gerónimo. *Historia eclesiástica indiana*. México: Antigua Librería, 1870.

MUÑOZ, Luis Celis. La acción aducadora de la Iglesia española em América. In: MARTINEZ, Bernabe Bartolome (Org.). *Historia de la acción educadora de la Iglesia em España: edades antigua, media y moderna*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995. p. 817-856.

RICARD, Robert. *La conquista espiritual de México*. 5. reimp. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

SAHAGÚN, B. *Historia general de las cosas de Nueva España*. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

SUESS, Paulo. Introdução. In. SUESS, Paulo (org). *Queimada e sementeira: da conquista espiritual ao descobrimento de uma nova evangelização*. Petrópolis: Vozes, 1988, p.9-18.

TESTERA, Jacob. Carta de Fray Jacobo de Tastera, y de otros religiosos de la órden de San Francisco, al Emperador D. Cárlos, dándole cuenta del estado de sus misiones y de la buena disposición de los indios: Convento de Rexucinco, 6 de Mayo de 1533. In. *CARTAS DE ÍNDIAS*. Madrid: Imprenta de Manuel G. Hernandez, 1877, p. 62-66.

ZUMÁRRAGA, Juan. Carta de los Illmos.Sres. Obispos de México, Oajaca y Guatemala, sobre la ida al Concilio General, y piden sobre distintos puntos así de Diezmos, como otros para la buena planta y permanencia de la fe en este Nuevo Mundo. In. ICAZBALCETA, Joaquín García. *Don fray Juan de Zumárraga: estudio biográfico y bibliográfico*. México: Antigua Librería de Andrade y Morales, 1881, p.87-103., II tomo.